

TRAJETÓRIAS NO MERCADO DE TRABALHO E QUALIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES: UM PANORAMA DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE NO PERÍODO DE 2003 A 2006¹.

Cidriana Teresa Parenza²

Daniela Sandi³

RESUMO: O estudo analisa a relação entre trajetórias no mercado de trabalho e a qualificação de trabalhadores. Para as trajetórias, utiliza-se as informações disponibilizadas pela RAISMIGRA, base de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Assim, são apresentados os percursos ocupacionais e as transferências setoriais dos trabalhadores, no período 2003-2006, destacando a exclusão ou a re-inserção no mercado de trabalho formal. Paralelamente, o tempo de trabalho e a escolaridade dos trabalhadores são empregados como indicadores da sua qualificação.

Palavras-chave: Trajetórias ocupacionais. Qualificação do trabalhador. RAISMIGRA. Mercado de trabalho.

1. Introdução

O estudo sobre trajetórias ocupacionais ganha relevância na medida em que possibilita dar visibilidade às diferentes formas de participação efetiva dos trabalhadores no mercado de trabalho e, assim, desvendar aspectos referentes à sua vida produtiva. Isso se torna ainda mais pertinente no caso brasileiro, onde o uso da rotatividade constituiu-se uma estratégia de enfrentamento das oscilações econômicas e de gestão do trabalho.

Se por um lado, as trajetórias se apresentam como um campo fértil de pesquisa; por outro, a qualificação dos trabalhadores adquire proeminência na atualidade. Isso está associado às mudanças ocorridas no âmbito do trabalho, as quais remetem ao processo de

¹ Artigo publicado em SIMIONATO, Margareth Fadanelli (org.). **Percursos Investigativos em Trabalho, Educação e Formação Profissional**. São Leopoldo: FEEVALE, 2009. Disponível em www.feevale.br/editora

² Assistente Social da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Trabalha na Gerência de Informações da Secretaria Municipal de Coordenação Política e Governança Local, responsável pela Pesquisa de Emprego e Desemprego de Porto Alegre.

³ Economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), assessora do Sindicato dos Empregados no Comércio de Porto Alegre (SINDEC/POA) e responsável pela Pesquisa da Cesta Básica de Porto Alegre/DIEESE. Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

reestruturação produtiva identificado, no Brasil, principalmente a partir dos anos 90. É nesse contexto que a formação e a qualificação apresentam-se como um “remédio milagroso” para os males sociais (VANTIN, 1999). Ambas aparecem não só como um problema, mas também como uma solução para o emprego, para a inserção social e profissional, para a adaptação da mão-de-obra às mudanças técnico-econômicas e para a competitividade das empresas, muito mais acirrada com a globalização.

Neste artigo nos propomos analisar a relação entre: 1) as trajetórias no mercado de trabalho de um grupo de trabalhadores desligados e 2) a sua qualificação. Inserido em uma perspectiva quantitativa, o estudo utiliza as informações da RAISMIGRA. O objetivo que nos norteia é verificar o percurso desse contingente de trabalhadores e a relação da sua qualificação no delineamento de suas trajetórias. O texto está dividido em três seções, inicialmente, esclarecemos os aspectos metodológicos, em seguida, apresentamos um panorama do mercado de trabalho da RMPA, posteriormente, nos ocupamos das trajetórias e por fim, ao resgatar os principais achados da investigação, apontamos possíveis aprofundamentos.

2. Aspectos metodológicos

As pesquisas sobre trajetórias, segundo Castro (1998), centraram-se, historicamente, nas representações e simbologias derivadas da experiência individual de trabalho e utilizaram uma perspectiva que englobava os estudos de casos e as histórias de vida. Apesar de relevante, este não foi o desenho adotado no presente estudo. Fundamentamo-nos em Castro, Cardoso e Caruso (1997), Castro (1998), Cardoso (2000) e Guimarães (2004) que utilizam como abordagem metodológica a análise longitudinal⁴. Esses estudos utilizam como fonte de dados a RAISMIGRA⁵ e enquadram-se numa perspectiva quantitativa⁶.

⁴ Em linhas gerais, os estudos longitudinais concentram-se na configuração de um movimento, buscando seqüências de eventos que redundem em determinado resultado. Desse modo, as variações que ocorrem no tempo tornam-se elementos essenciais da análise. Essa abordagem diferencia-se do recorte transversal que tem como característica a observação de uma dada configuração num único momento de tempo, como se fosse uma fotografia.

⁵ A RAISMIGRA é uma base de dados do MTE, derivada da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e visa o acompanhamento geográfico, setorial e ocupacional da trajetória dos trabalhadores ao longo do tempo. Por meio do cadastro do trabalhador no Programa de Integração Social (PIS), ela permite seguir os vínculos formais de trabalho, bem como coletar informações sobre atributos destes trabalhadores. Existem dois modelos de RAISMIGRA: o PAINEL que possibilita conhecer a mobilidade do indivíduo no mercado de trabalho formal; e o “VÍNCULO” que viabiliza investigar a duração de emprego, desemprego e reinserção. Cabe mencionar que essa base está restrita ao mercado formal, entretanto, é considerada um censo do emprego formal e importante por possibilitar dados municipalizados. Tendo em vista os objetivos de nosso estudo, utilizamos a RAISMIGRA PAINEL. Para aprofundamento ver Sternberg (2001), Guimarães (2004) e Brasil (2007).

Seguindo esta mesma perspectiva de estudo, investigamos as trajetórias de um conjunto de trabalhadores. Trata-se de um grupo que, no ano de 2003, desempenhava atividade com vínculo formal de trabalho⁷ na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e que tiveram seus contratos rescindidos em algum momento do referido ano, permanecendo sem uma nova inserção, no âmbito da formalidade, até 31/12/2003. Acompanhamos a trajetória destes trabalhadores desligados⁸ no triênio 2004-06, verificando o seu retorno ao mercado de trabalho formal e, neste caso, a permanência no setor de atividade de origem ou a mobilidade setorial. Paralelamente, examinamos a qualificação desses trabalhadores e a sua influência na definição da trajetória pós-desligamento.

Para a delimitação do objeto de estudo, consideramos que o ano 2003 interrompia um longo período extremamente desfavorável ao mercado de trabalho, tendo em vista que nos anos seguintes evidencia-se o recuo da taxa de desemprego e o aumento do emprego formalizado. Esse cenário importa na medida em que interfere nos movimentos de desligamento e reinserção dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, a circulação dos trabalhadores entre Porto Alegre e as cidades em seu entorno, o que é característico das regiões metropolitanas, fez com que nossa atenção se direcionasse para a RMPA⁹.

Um último aspecto metodológico deve ser esclarecido, diz respeito à escolha dos atributos examinados, o que está diretamente relacionado à nossa compreensão de qualificação profissional. Conforme Naville (1956), autor que nos fundamenta nesta compreensão, o conceito de qualificação é variável e relativo à estrutura social própria a cada época e espaço geográfico. No entanto, o referido autor destaca o tempo necessário à

⁶ O potencial analítico do estudo sobre trajetórias no mercado de trabalho tem sido sistematicamente defendido pelos autores que nos fundamentam, porém, ressaltamos, dentre outros, o estudo de Sternberg (2001), Parenza; Lapis (2007) e Parenza (2008), dada à diferença geográfica da unidade de análise. O primeiro utiliza a RAISMIGRA como fonte de informações e abrange trajetórias de trabalhadores no Estado do Rio Grande do Sul (RS). Os outros dois utilizam a abordagem longitudinal numa perspectiva qualitativa e focam trajetórias de trabalhadores da indústria de Caxias do Sul (RS).

⁷ São trabalhadores com contratos de trabalho regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) ou por estatuto próprio ou, ainda, outros contratos estabelecidos no âmbito legal, como, por exemplo, os servidores públicos não efetivos, os trabalhadores temporários e os aprendizes. Cerca de 92% dos trabalhadores abrangidos pela RAISMIGRA são celetistas ou estatutários.

⁸ Utilizamos o termo desligados para designar os trabalhadores cujas trajetórias ocupacionais foram objeto deste estudo. Optamos por este vocábulo, pois a interrupção do contrato de trabalho pode ter ocorrido por iniciativa do empregador (demissão) ou do trabalhador ou, ainda, por motivo de aposentadoria, falecimento, entre outros. Vale destacar, que do total dos trabalhadores que compõem este estudo, 67% deles tiveram seu contrato de trabalho rescindido por iniciativa do empregador e sem justa causa; em 12% dos casos, a rescisão contratual foi por iniciativa do empregado e, igualmente, sem causa; e 11% dos trabalhadores desligados enquadravam-se na situação de término do contrato de trabalho por tempo determinado.

⁹ De forma ilustrativa, salientamos que em 2001, 28% dos ocupados em Porto Alegre residiam nos municípios vizinhos. Esse percentual passou para 26,8%, em 2006. De outra forma, em 2006, 5,3% dos ocupados nos demais municípios da RMPA moravam em Porto Alegre (FOLLADOR; SOARES, 2002; SCHNEIDER; PARENZA, 2008).

aprendizagem do trabalho como um dos elementos essenciais da definição de qualificação. Esse tempo corresponde ao tempo mínimo necessário para a aquisição das capacidades requeridas, o que varia de acordo com as operações, a tecnologia, a época, a região geográfica, as exigências institucionais e sociais e as características do indivíduo. No presente estudo, mais do que aprofundar este conceito de qualificação, o utilizamos para definir, dentre os indicadores disponíveis na RAISMIGRA, aqueles que poderiam ser considerados como uma aproximação ao conceito de qualificação. Assim, optamos pela escolaridade e pelo tempo de serviço como indicadores da qualificação, tendo em vista que ambos pressupõem um tempo de aprendizagem formal e informal de conteúdos gerais e específicos ao exercício da atividade laboral.

3. O mercado de trabalho na RMPA

O emprego na Região corresponde a praticamente metade da mão-de-obra formalizada do Rio Grande do Sul (48,6%). Por setor de atividade, é composto, majoritariamente, pelos serviços, seguido pela indústria e pelo comércio, com participações de 56%, 24% e 15%, respectivamente. Em relação a essa estrutura ocupacional, cumpre salientar que os anos 90 foram marcados pelo fraco desempenho da economia brasileira em razão, principalmente, das sucessivas crises externas – a exemplo da Crise do México – e de uma política de câmbio desfavorável. Esse cenário acarretou o recuo do emprego industrial e o avanço do setor de serviços em grande parte das Regiões Metropolitanas brasileiras¹⁰. A gravidade do processo de desindustrialização está associada ao fato de que a indústria é caracterizada pelo maior grau de formalização e, conseqüentemente, ao acesso aos direitos trabalhistas, aos mecanismos de proteção social, às formas de representação social e à profissionalização.

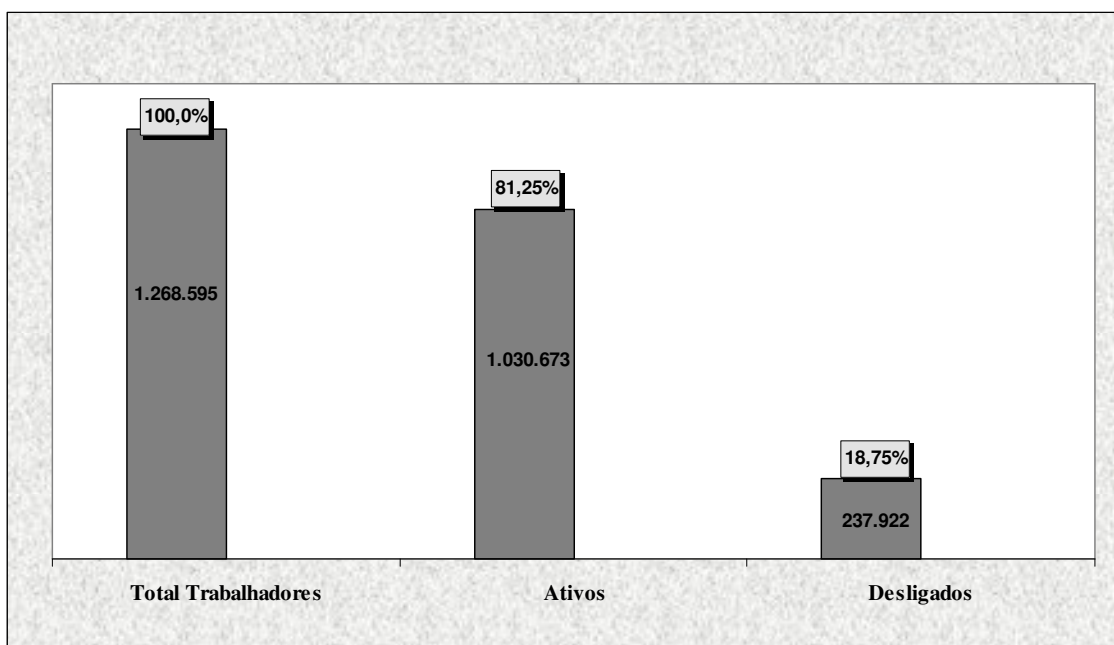
Em 2003, a RMPA detinha cerca de 1 milhão e 200 mil trabalhadores empregados no mercado de trabalho formal. Mais da metade desses trabalhadores (54%) não haviam concluído o ensino médio e cerca de 30% deles não possuíam, sequer, o ensino fundamental. Em relação ao tempo de serviço, menos da metade (48%) concentravam-se em faixas inferiores aos cinco anos de emprego.

Do universo desses trabalhadores, em torno de 18% (237.922) tiveram seus contratos de trabalho interrompidos, ou seja, foram desligados em algum momento de 2003 e

¹⁰ A diminuição do emprego na indústria e o aumento da participação dos serviços é um fato conhecido e bastante explorado. Para maiores detalhes sobre o RS ver Sternberg; Jornada; Xavier Sobrinho (2000), Xavier Sobrinho (2000) e Schneider; Rodarte (2006).

continuavam sem vínculos formais de trabalho em 31/12/2003 (Gráfico 1). Os desligados despertaram o nosso interesse visto que permitem não só verificar seus percursos no mercado de trabalho como, igualmente, identificar as possíveis alterações que uma nova inserção pode apresentar como, por exemplo, as transferências setoriais ou, ainda, a passagem da formalidade para informalidade.

Gráfico 1 – Total de trabalhadores em 2003, trabalhadores ativos e desligados em 31/12/2003 na RMPA



FONTE: RAISMIGRA Painel Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

4. Os destinos dos desligados

O que ocorreu com os desligados em 2003? Iniciamos a análise das trajetórias com aqueles que não retornaram ao mercado de trabalho formal ao longo do período de 2004-06. As informações da RAISMIGRA (Tabela 1) revelam que esse grupo representa 1/3 dos trabalhadores desligados. Isso não significa que esse contingente não tenha exercido atividades laborais no período, porém, se isto ocorreu, foi no âmbito da informalidade. Esse grupo torna-se relevante ao consideramos que, ultrapassados os limites da formalidade, mesmo com rendimentos, por vezes, superiores, os trabalhadores ficam à margem dos direitos trabalhistas e, em geral, dos mecanismos de proteção social e das formas de representação

social. Assim, a ocupação, neste caso, pode ter significado perdas, mesmo que temporárias, em relação à qualidade do emprego.

Tabela 1 – Trabalhadores desligados em 2003, segundo o setor de atividade econômica, que não retornaram para o mercado de trabalho formal, na RMPA, no período de 2004-06

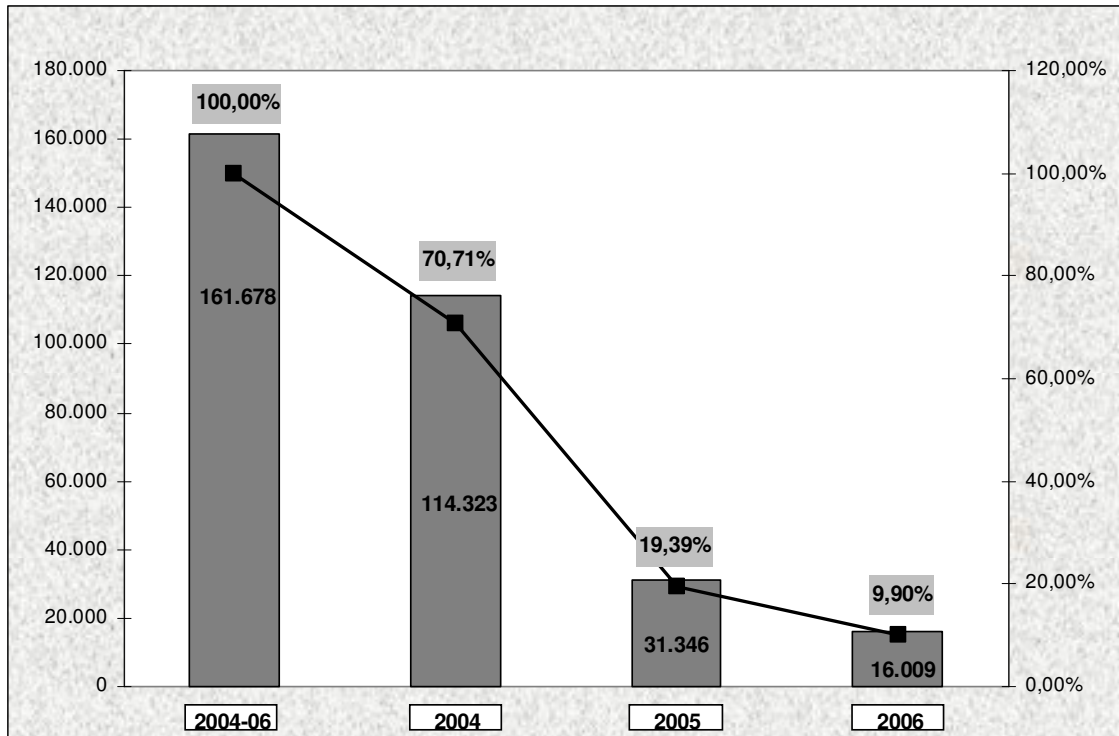
Setor de atividade econômica dos trabalhadores desligados em 2003	Trabalhadores desligados em 2003	Trabalhadores desligados em 2003 que não retornaram para o mercado de trabalho formal entre 2004-06	
		Absoluto	%
Serviços	82.026	28.620	34,89
Indústria de Transformação	73.263	18.667	25,48
Comércio	51.818	15.394	29,71
Construção Civil	17.594	5.139	29,21
Administração Pública	10.647	7.420	69,69
Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca	1.269	484	38,14
Serviços Industriais de Utilidade Pública	1.074	451	41,99
Extrativa Mineral	231	69	29,87
Total	237.922	76.244	32,05

FONTE: RAISMIGRA Painel Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

Detendo-se nos percursos ocupacionais, conforme o setor de atividade econômica (Tabela 1), a maior participação de não retorno ao mercado formal ficou por conta de três setores: a administração pública (70%), os serviços industriais de utilidade pública (42%) e a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca (38%). Embora seja alto o percentual de não retorno dos desligados desses setores, sua participação no volume total de afastados é baixa. Ao mesmo tempo, isso pode apontar uma dificuldade de retorno ao mercado formal dos trabalhadores oriundos desses setores, o que pode estar associado à especificidade desses segmentos econômicos.

Ajustando o foco para o outro grupo, ou seja, para aqueles que se reinseriram no mercado formal (Gráfico 2), evidenciamos que 70% dos retornos ocorreram ainda no primeiro ano subsequente ao desligamento, o que pode ser considerado um regresso breve. Nos anos seguintes, o retorno cai significativamente. Tal evidência pode sugerir que quanto mais distante do desligamento, menores as chances de reingressar no vínculo formal.

Gráfico 2 – Participação percentual dos trabalhadores desligados em 2003, na RMPA, que retornaram para o mercado de trabalho formal em 2004, 2005 e 2006



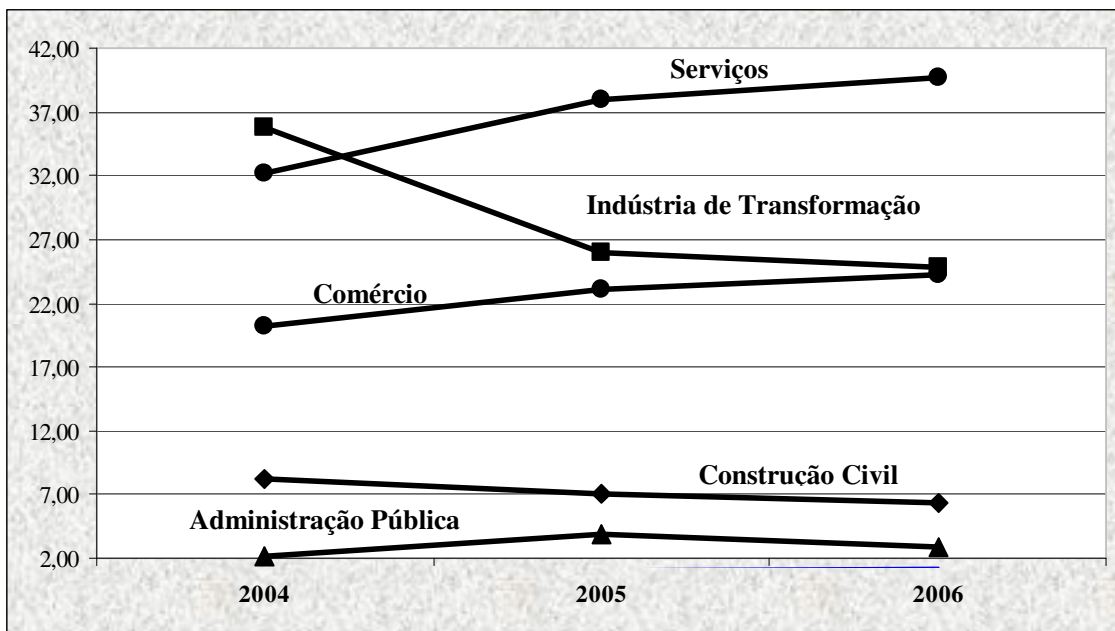
FONTE: RAISMIGRA Painel Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

Um primeiro aspecto que nos inquietava era saber em que setores de atividade eles tinham obtido a sua reinserção no emprego formal. Identificamos que os setores que mais absorveram os desligados foram, respectivamente, o de serviços, que recebeu 34,04% dos trabalhadores que retornaram, a indústria de transformação, onde se reinseriram 32,86% dos trabalhadores desligados em 2003 e o comércio, com 21,14% dos retornos.

Nesse movimento de reinserção setorial diferenciada, chamou nossa atenção – o que pode ser visualizado no Gráfico 3 – o fato de que, quanto maior a distância temporal do desligamento, maior a concentração de retornos no setor de serviços. A partir do segundo ano (2005) posterior ao desligamento, observa-se, inclusive, uma inversão entre indústria e serviços. Isso pode indicar que o retorno ao mercado formal no setor de serviços vai se tornando uma tendência, predominante, nos percursos ocupacionais à medida que transcorre o tempo. Esse fenômeno é denominado por Guimarães (2004, p. 269) como “trajetórias de reconversão para os serviços”. Se, por um lado, essas trajetórias podem apontar a importância crescente dos serviços no volume de emprego gerado, fazendo com que as chances de

reingresso se associem a essa ampliação; por outro, tais percursos podem, como acentua Guimarães (2004), esconder o movimento de terceirizações¹¹. Explicando melhor, podemos estar diante da transferência, via subcontratações, dos serviços, antes realizados no âmbito industrial, para o setor terciário.

Gráfico 3 – Percentual de desligados em 2003 que retornaram para o mercado de trabalho formal em 2004, 2005 e 2006, na administração pública, na construção civil, no comércio, na indústria de transformação e nos serviços – RMPA



FONTE: RAISMIGRA Painel Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

Em face desta evidência, buscamos descobrir se estes trabalhadores tinham retornado aos setores de atividade nos quais trabalhavam no ano do desligamento. Era possível identificar a transferência setorial desses trabalhadores? Para tanto, cruzamos as informações sobre o setor de origem dos desligados em 2003 e o setor de destino no período de 2004-06 (Tabela 2).

De um modo geral, em nenhum dos setores verificou-se o retorno dos 100% dos trabalhadores, o que se traduz na existência de mobilidade setorial. Porém, verificamos que essa migração não ocorre na mesma medida para todos os segmentos econômicos. Identificamos que a indústria de transformação, os serviços, a construção civil, a

¹¹ Cabe destacar, como o faz Hirata (1995), que o uso de subcontratações não consiste em algo totalmente novo, no entanto, ele ganha maior difusão no contexto da reestruturação industrial desencadeada a partir dos anos de 1990, quando a transferência a terceiros de atividades não-essenciais de uma empresa é associada à flexibilidade.

administração pública e o comércio absorveram mais do que a metade dos seus trabalhadores desligados em 2003. Isso é bastante diferente do que ocorreu nos serviços industriais de utilidade pública e na indústria extrativa mineral que absorveram em média 24% dos seus desligados.

Tabela 2 – Percentual de trabalhadores desligados de cada setor de atividade em 2003, que retornaram ao mercado de trabalho formal no período de 2004-06, de acordo com o setor de atividade da re-inserção, na RMPA

Setor de Destino \ Setor de Origem	Setor de Destino								Total
	Extrativa Mineral	Ind. Transformação	SIUP	Constr. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropec., Extrat. Veg., Caça e Pesca	
Extrativa Mineral	27,16	19,75	1,23	15,43	12,35	17,28	3,70	3,09	100,00
Ind. Transformação	0,05	69,85	0,23	3,54	9,91	14,82	0,91	0,68	100,00
SIUP	0,16	15,73	21,19	13,16	11,40	33,39	3,69	1,28	100,00
Constr. Civil	0,31	11,08	0,84	55,86	9,31	19,86	0,92	1,83	100,00
Comércio	0,03	15,47	0,32	3,19	51,08	28,09	1,38	0,45	100,00
Serviços	0,08	13,88	0,45	4,61	15,90	61,84	2,62	0,61	100,00
Adm. Pública	0,06	9,30	0,43	1,80	10,20	25,81	51,47	0,93	100,00
Agropec., Extrat. Veg., Caça e Pesca	0,25	17,71	0,64	5,22	11,08	17,20	2,29	45,61	100,00
Total	0,11	32,86	0,46	7,87	21,14	34,04	2,61	0,92	100,00

FONTE: RAISMIGRA Painel Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

NOTA: Ind. Transformação = Indústria de Transformação; SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública; Constr. Civil = Construção Civil; Adm. Pública = Administração Pública, Agropec., Extrat. Veg., Caça e Pesca = Agropecuária, Extrativa Vegetal, Caça e Pesca.

A migração de um setor de atividade para outro adquire importância ao ponderarmos que este movimento pode colocar em risco todo acúmulo construído na experiência anterior de trabalho, o que pode se traduzir em perdas de qualificação e de formas de identidade profissionais constituídas na experiência de trabalho; bem como na representação sindical.

Seguindo esta linha de pensamento, passemos, então, aos atributos relacionados à qualificação dos trabalhadores. Observando o tempo de trabalho dos desligados em 2003 e as suas trajetórias no período em análise (Tabela 6), verificamos um maior reingresso daqueles com menor tempo de serviço. Ou seja, entre os trabalhadores com “menos de um ano”, em torno de 70% conseguiram um novo vínculo formal de trabalho no período pós-desligamento. Resultados semelhantes foram observados com aqueles com experiência “com um ano até menos de dois anos” e “com dois anos até menos de cinco anos”.

Diferentemente, os afastados “com cinco ou mais anos” de experiência – grupo com menor participação no volume de desligados (12,46%) – apresentaram um percentual de reinserção menor (49,30%). Comportamento semelhante é destacado por Cardoso (2000)¹², o qual identificou que o maior tempo de emprego tem duplo efeito, por um lado, dificulta a

¹² O estudo desenvolvido pelo autor centrou-se na indústria automobilística de São Paulo.

demissão do trabalhador; por outro, na sua ocorrência, declinam as chances de retorno ao emprego formal.

Tabela 6 – Trabalhadores desligados em 2003 na RMPA e suas trajetórias no mercado de trabalho formal no período de 2004-06 (retorno ou não), conforme o tempo de trabalho em 2003

Tempo de Trabalho em 2003	Trabalhadores desligados	Trabalhadores que não retornaram	Trabalhadores que retornaram
Menos de um ano	41,25	30,24	69,76
Com um ano até menos de dois anos	23,78	27,10	72,90
Com dois anos até menos de cinco anos	22,31	30,26	69,74
Com cinco ou mais anos	12,46	50,70	49,30
Ignorado	0,20	29,63	70,37
Total	100,00	32,05	67,95

FONTE: RAISMIGRA Painei Região Sul (1994-2006). Ministério do Trabalho e Emprego. DVD

A partir dessas informações (Tabela 6), podemos conjecturar que o maior tempo de trabalho pode não contribuir de maneira expressiva para o retorno do trabalhador ao emprego formal. Isso parece curioso, uma vez que a maior experiência, dada pelo tempo, ao possibilitar o desenvolvimento de saberes do trabalho, poderia agir em direção inversa. No entanto, é importante ter cautela nessa interpretação, tendo em vista que não possuímos, através da RAISMIGRA, meios para verificar o que ocorreu com os trabalhadores com maior tempo de trabalho que não restabeleceram vínculos formais. Teriam estes trabalhadores mais e melhores recursos, permitindo-lhes a permanência na informalidade? Essa é uma indagação que permanece sem respostas no limite desse estudo.

De outro modo, o maior retorno daqueles que apresentavam menor tempo de trabalho pode estar associado à persistência do uso da rotatividade como estratégia de gestão e de enfrentamento das crises e oscilações econômicas. Neste sentido, nos valem de Cardoso (2000, p. 201) que verificou “... que o trabalhador ‘mais empregável’ é aquele que mais roda entre empregos [...] Porém, o paradoxo está em que as maiores chances de reemprego encontram-se nos setores que geram as piores ocupações...”. Assim, o retorno ao trabalho formal não se traduz, obrigatoriamente, na preservação da qualidade do emprego perdido.

Quanto à escolaridade, as informações apresentadas na Tabela 7 parecem sugerir que este atributo tem um pequeno impacto nas chances de retorno ao trabalho com registro formal. Isso posto que, os percentuais de reingresso na formalidade tanto dos desligados com o ensino

fundamental incompleto como para aqueles com o fundamental completo ou o médio completo encontram-se próximos aos 70%. Por outro lado, no caso dos afastados com ensino superior incompleto e completo, uma nova inserção formal concretizou-se para um pouco mais da metade (55,60%).

Tabela 7 – Trabalhadores desligados em 2003 e suas trajetórias no mercado de trabalho formal no período de 2004-06 (retorno ou não), conforme escolaridade em 2003, na RMPA

Escolaridade	Trabalhadores desligados	Trabalhadores que não retornaram	Trabalhadores que retornaram
Ensino Fundamental Incompleto	31,43	31,17	68,83
Ensino Fundamental Completo e Médio Incompleto	33,93	29,73	70,27
Ensino Médio Completo	23,86	30,90	69,10
Ensino Superior Incompleto e Completo	10,78	44,40	55,60
Total	100,00	32,05	67,95

Quando comparada ao reingresso no emprego formal, a escolaridade parece ter um efeito mais significativo nas chances de perda de emprego. Isso pode ser deduzido do fato da participação percentual, no total de desligados, diminuir na medida em que o nível de escolaridade dos trabalhadores aumenta.

5. Considerações finais

Esse estudo, ainda que não apresente uma análise exaustiva sobre o tema, permite evidenciar movimentos de exclusão e de reinserção delineados no mercado de trabalho. Nesse sentido, destaca-se que um 1/3 dos excluídos, em 2003, não conseguiu um novo emprego no sistema formal no triênio 2004-06. Entre eles, chama a atenção o segmento da administração pública, onde quase 70% não restabelecem novo vínculo formal. Buscando compreender esse expressivo não retorno, avançamos na análise. Desse modo, identificamos que em torno de 40% dos desligamentos ocorreram por aposentadoria e aproximadamente 35% por iniciativa do empregado, o que pode explicar tal comportamento.

Por outro lado, entre os que retornaram, registra-se um processo breve de reinserção no mercado formal para um contingente expressivo de trabalhadores, visto que cerca de 70% dos desligados são reempregados ainda em 2004. Ainda em relação a esse grupo, destaca-se que os setores econômicos que mais absorveram esses desligados foram: serviços, indústria de transformação e comércio. No que tange as transferências setoriais, assinala-se que, com exceção dos setores da Indústria Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e

na Agropecuária, Extrativa Vegetal, Caça e Pesca, mais da metade dos afastados retornaram para os setores de origem. Vale sublinhar que a importância desse retorno para a atividade de origem aponta a possibilidade de minimizar as perdas das experiências adquiridas na trajetória laboral anterior.

Resultados semelhantes foram evidenciados por Sternberg (2001) ao reconstituir as trajetórias de trabalhadores desligados em 1994, no RS, ao longo do período de 1995-98. Os pontos de convergências entre estes dois estudos, realizados em espaço temporal e geográfico diferentes, podem sugerir que, em que pese os movimentos conjunturais, podemos estar diante de tendências estruturais específicas do mercado de trabalho. Certamente, trata-se ainda de uma hipótese que merece melhor desenvolvimento, podendo ser, até mesmo, refutada.

No que concerne aos atributos do nosso universo de trabalhadores, o estudo indica que quanto maior for o tempo de trabalho, assim como, mais elevado nível de escolaridade, maior podem ser as chances de permanência no emprego. Ao mesmo tempo, quando se analisa a contribuição desses indicadores no reingresso no sistema formal, verifica-se que o seu efeito é pouco expressivo. O que chama a atenção é que os maiores percentuais de retorno ao mercado formal foram, justamente, para os trabalhadores com menor tempo de emprego e nível de instrução formal. Isso corrobora com os achados de Cardoso (2000) que aponta para rotatividade como elemento não desprezível em se tratando de movimentos de desligamento e de recolocação. Vale dizer ainda, que esse processo vai em direção inversa ao discurso propagado na sociedade, segundo o qual a reinserção profissional é uma questão fundamentalmente individual, entendida como resultado exclusivo das próprias tentativas de qualificação do trabalhador.

Dado que o potencial da RAISMIGRA se limita às trajetórias delineadas no âmbito do mercado formal de trabalho, nesse aspecto, o estudo aqui apresentado se ressent de um olhar sobre os percursos desenhados fora deste âmbito. O que ocorreu com aqueles trabalhadores que não restabeleceram vínculos formais de trabalho? Além disso, que estratégias são postas em ação para a reinserção no mundo do trabalho? Estas, dentre outras, indagações podem contribuir de forma significativa para a compreensão da participação efetiva dos trabalhadores no mercado de trabalho. Neste sentido, Guimarães (2006) destaca importantes desafios metodológicos, como a análise longitudinal retrospectiva que, através de pesquisas biográficas, busca recompor o percurso ocupacional completo, com suas passagens pela formalidade e informalidade. A vantagem dessa abordagem está no acesso as diferentes alternativas de ocupação colocadas em ação pelos indivíduos, inclusive com o uso de redes sociais e a mobilização do grupo familiar. Assim, compreendemos que o uso de abordagens

quantitativas associadas às qualitativas pode enriquecer em muito nosso poder explicativo. Fica aqui o desafio para avançar nos estudos sobre trajetórias no mercado de trabalho da RMPA.

Referências Bibliográficas:

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Base de dados RAISMIGRA**. Modelos PAINEL e VÍNCULO. Orientações para uso. Brasília: MTE, 2007.
- CARDOSO, Adalberto Moreira. **Trabalhar, verbo transitivo**: destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- CASTRO, Nadya A.; CARDOSO, Adalberto M.; CARUSO, Luis Antônio C. Trajetórias Ocupacionais, Desemprego e Empregabilidade: há algo de novo na agenda dos estudos sociais do trabalho no Brasil? **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, n. 1, ano II, p. 07-23, mai. 1997.
- CASTRO, Nadya Araujo. Mercado de Trabalho Industrial, Seletividade e Qualificação: contribuições das análises longitudinais. In: **Workshop: conceitos empregados na educação profissional**, 1998, Belo Horizonte. Comunicação especialmente preparada para o Módulo I: Mercado de Trabalho e Formação Profissional. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.
- FOLLADOR, Patrícia Maria Diógenes O.; SOARES, Marcy Regina Martins. A ocupação no Município de Porto Alegre: uma visão acerca da contribuição da Capital na dinâmica do mercado de trabalho metropolitano. In: WILTGEN, Roberto da Silva; GARCIA, Lúcia dos Santos (coord.) **Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA**. Porto Alegre: FEE; FGTAS/SINE-RS; DIEESE; SEADE-SP; FAT/MET; PMPA, 2002. p. 143-176.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Caminhos cruzados**: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2004.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. Novas formas, novas medidas?: desemprego, trajetórias ocupacionais e experiência na produção de informações. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v.20, n.4, p.103-126, out./dez. 2006.
- HIRATA, Helena Sumiko. Crise econômica, organização do trabalho e subcontratação: reflexões a partir do caso japonês. In: BÔAS, Glaucia Villas; GONÇALVES, Marco Antonio (org.). **O Brasil na virada do século**. O debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 13- 34
- NAVILLE, Pierre. **Essai sur la qualification du travail**. Pari: Rivière, 1956. Tradução de Gisela Lobo Tartuce. Revisão de Maria Inês Rosa, para circulação restrita. Texto digitado.
- PARENZA, Cidriana Teresa. Trajetórias: um instrumento de análise da participação do trabalhador no mercado de trabalho. **Serviço Social e Sociedade**, n. 93, p. 29-44, mar. 2008.
- PARENZA, Cidriana Teresa; LAPIS, Naira Lima. Trabalhadores da indústria de transformação do Município de Caixas do Sul (RS): trajetórias pós-desligamento em um contexto de reestruturação industrial. **Sociologias**, Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 17, jan./jun. 2007.
- SCHNEIDER, Eduardo Miguel; PARENZA, Cidriana Teresa. A Informação e as Políticas Públicas: uma relação virtuosa? In: **Conferência Mundial sobre Desenvolvimento de Cidades**, 2008, Porto Alegre. Comunicação especialmente preparada para o Agora de apresentações. Rio Grande do Sul: PUC-RS, 2008.
- SCHNEIDER, Eduardo Miguel; RODARTE, Mario Marcos Sampaio. Evolução do Mercado de Trabalho Metropolitano: entre meados das décadas de 1990 e 2001. **São Paulo em Perspectiva**, v.20, n.4, p. 74-102, out./dez. 2006.
- STERNBERG, Sheila S. W., JORNADA, Maria Isabel H. da, XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. O emprego formal no RS, nos anos 90: diferenciais na retração. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 209-248, 2000.
- STERNBERG, Sheila Sara Wagner. A RAIS-MIGRA como instrumento de análise do mercado de trabalho: um exercício a partir dos dados do Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 183-199, 2001.

VANTIN, François. **Epistemologia e sociologia do trabalho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. Um “instantâneo do mercado de trabalho gaúcho ao final dos anos 90. **Indicadores Econômicos FEE**: as contas regionais e o desempenho da economia gaúcha em 1999. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel, v. 27, n. 4, p. 249-263, 2000.